



CEAD
Centro de Educação
Aberta e a Distância



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias

PROE
Pró-reitoria de extensão

REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS

Revista do Fórum Internacional de Ideias

Versão em Português

Volume 10, número 1

Os Diários Intermitentes,
de Celso Furtado

Universidade Federal de Ouro Preto

Reitora: Prof^a-Dr^a Cláudia Aparecida Marliére de Lima

Vice-Reitor: Prof-Dr Hermínio Arias Nalini Júnior

Pró-Reitor de Extensão: Prof-Dr Marcos Eduardo Carvalho G. Knupp

Centro de Educação Aberta e a Distância

Diretora: Prof^a-Dr^a Kátia Gardênia Henrique da Rocha

Vice-Diretor: Prof-Dr Luciano Batista de Oliveira

Departamento de Educação e Tecnologias

Chefia: Prof^a-Dr^a Carla Mercês da Rocha Jatobá Ferreira

Programa de Extensão Fórum Internacional de Ideias

Coordenador: Professor-Doutor Antonio Marcelo Jackson Ferreira da Silva

Bolsistas:

Julia Barbosa Massa Correa

Sofia Fuscaldi Cerezo

Os Diários Intermitentes de Celso Furtado

Professor Antonio Marcelo Jackson: Estamos começando mais um Fórum Internacional de Ideias e, no dia de hoje, com a presença de Rosa Freire D’Aguiar, natural da cidade do Rio de Janeiro e formada em Jornalismo pelo Pontifícia Universidade Católica do Rio. Atuou como correspondente nas revistas Manchete, Isto É e no Jornal da República; trabalha como tradutora há muitos anos, sendo a responsável pela tradução de diversas obras em língua francesa, italiana e espanhola para o Brasil e atualmente está cuidando dos arquivos de Celso Furtado, com quem foi casada por muito tempo. Dele, lançou recentemente seus Diários e agora está organizando suas cartas.

No dia de hoje temos também o professor José Medeiros, da cidade de Hangzhou, na China, a presença do professor Jorge Costa como auxiliar na tecnologia, nos dando todo suporte, e eu, Antonio Marcelo Jackson. Dito isso, Rosa, é um prazer tê-la em nosso projeto e fique à vontade para expor todo esse trabalho fantástico sobre os arquivos de Celso Furtado e todo comentário que você achar melhor.

Rosa Freire d’Aguiar: Obrigada Marcelo, Jorge e José que está do outro lado do mundo tomando um chazinho matinal e gente aqui às 19 horas.

Enfim, os arquivos do Celso. Falar deles é falar de um mundo; é um oceano. Vou tentar resumir um pouco o que eu fiz desde que ele morreu em 2004 - lá se vão 15 anos. Eu era a herdeira de seus arquivos: de um lado os livros, de outro, papelada. Celso teve uma obra muito grande como economista, ensaísta e as obras finais dele são quatro livros de ensaio, 3 livros de memórias e mais 3 autobiografias intelectuais. Então minha ideia quando ele morreu foi que as novas gerações tivessem acesso a um pouco da obra dele. Trabalho em editora há muitos anos e sei que o livro é um objeto que temos muito carinho, mas se não for bonito e bem feito e não for um best-seller, colocamos de lado. A ideia foi, primeiro, editar alguns livros do Celso, fazendo com que ficassem acessíveis às novas gerações. O mais conhecido é o “Formação Econômica do Brasil” e fiz edições que se chamam “Edição Definitiva”. É feita de modo geral por quem tem muito contato com a obra ou com o autor. Fiz a definitiva de “Formação Econômica do Brasil” e para cada livro dele pedi que pessoas atuais editassem os prefácios antigos ou fizessem novos. Depois fiz o “Economia Latino-Americana”, que é histórico e econômico, e um, que é o meu preferido: “Cultura e Desenvolvimento em Épocas de Crise”, é o menos econômico.

Reeditar as obras dele é um trabalho que faço permanentemente. Mas, devemos saber os textos e contextos, entender o porquê dele ter redigido aquilo, o que estava em torno dele, do Brasil e das ideias na hora que fez aquele livro. A partir daí me deu a ideia de fazer uma coleção a qual dei o nome de “Arquivos Celso Furtado”, para pegar obras dele, não inteiras, mas textos que estavam numa gaveta, que nunca tinham sido publicados, e os distribuí de forma temática. O primeiro foi em 2008: peguei vários textos longos de Celso, três estudos que ele fez sobre a Venezuela, isso nos anos 50. É um relatório bastante técnico, quando era economista da CEPAL, que é a Comissão Econômica Para a América Latina, no Chile, e fez um artigo bastante técnico sobre a economia venezuelana na época. Depois tem um texto político que, apesar de ser dos anos 1950 e 1970, punha o dedo num problema de se ter uma abundância de divisas e não ter o desenvolvimento. Quer dizer, tinha-se dinheiro para desenvolver um país, mas não se desenvolvia.

O segundo foi mais político. Isso aconteceu depois alguns economistas começaram a chamar de “doença holandesa” (quando se tem muito dinheiro e não industrializa o país), mas essa era uma expressão não usada na época. Acontece que quando lancei esse livro foi a época da descoberta do pré-sal, gerando um forte debate sobre se o Brasil ia se desindustrializar. Esse debate fez com que o livro sobre o mesmo problema, na Venezuela, muitos anos antes fosse bem sucedido e me animei e fiz outros dessa coleção, sempre temáticos.

Agora estou fazendo livros a partir dos arquivos de Celso Furtado: fiz um sobre cultura que funcionou muito bem (ele foi Ministro da Cultura e tinha vários textos sobre a formação cultural do Brasil); fiz outro sobre quando ele dirigiu a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE); outros temáticos que funcionaram ou não. Agora estou com o projeto, absurdamente fascinante, com os Diários. O Celso não era um “diarista”, no sentido que não era de chegar em casa e anotar o que de mais significativo tivesse ocorrido durante o dia. Mas, ele tinha uma espécie de necessidade de recorrer aos escritos como notas em certos momentos da vida dele. Tanto que o livro está saindo daqui a 15, 20 dias e não é imensamente grande, tem quase 500 páginas. Mas, quando se pensa que são 65 anos de diários (comecei em 1937, quando ele era adolescente, até 2002) não é tanto assim. Tem momentos da vida dele em que você sente que ele precisou recorrer à escrita. Com descobertas de viagem; nossa primeira viagem à China, por exemplo, está em uma foto na contracapa do livro. Depois, há momentos em que ele viveu batalhas muito grandes, como a própria implantação da SUDENE: chegava com um projeto arrojado para a época e os políticos do Nordeste estavam percebendo que ele iria desviar o foco que possuíam. Havia um embate entre um projeto modernizador e as estruturas do Nordeste, com um aproveitamento das verbas públicas para financiar eleições, e Celso queria mexer em tudo isso. Foi uma batalha! Nesse momento ele escreveu muito, era como se ele quisesse desabafar, ele estava sozinho no Nordeste, na época trabalhando com Juscelino Kubitschek.

O Celso foi para a guerra com 24 anos; estava na idade de ser convocado quando o Brasil declara guerra aos países do eixo em 1942 e ele vai em 1944. Foi uma experiência forte e ele escreveu muitos diários de guerra.

Ele podia passar 3, 4 anos sem pegar no diário, de não ter nota nenhuma. Eu os achei quando estava procurando outro projeto, que é o das “Cartas”. Achei uns 50 cadernos todos largados no meio, alguns com 10 páginas redigidas. Isso acontecia bem provavelmente porque não lembrava mais onde estava o caderno ou porque viajamos e ele comprava um novo. Lembrou-me dele tentar se fazer entender com um chinês para comprar o caderno. Esses diários são sem sombra de dúvida a obra mais íntima e que mais demonstra e revela quem ele era.

Tem outra coisa muito interessante que são os 3 ou 4 balanços de vida em certos momentos da vida que ele precisou repensar a própria vida. Curiosamente na Guerra, quando retorna, era um jovem de 25 anos e faz um balanço de vida muito maduro para a idade. Não se vinculava à economia; tinha acabado a faculdade de Direito e ido para a Guerra. Na volta, afirma: “eu não quero ser advogado, não quero seguir a carreira de advogado, quero estudar o Brasil do ponto de vista das ciências humanas e sociais”. Aí começa sua vontade de estudar a economia, se atenta para isso. Em outro momento em ele faz um balanço de vida muito forte, nos primeiros dias do exílio: foi com o Golpe Militar de março, que agora dizem: Abril de 1964 - ele entrou na lista primeira dos políticos (e ele nem era político!) cassados, indo para o exílio logo depois. Passou uns meses no Chile e depois foi para Yale, nos Estados Unidos. Assim que ele chega, no segundo dia, faz outro balanço de vida e é curioso porque ele diz, em um momento difícil - vida nova, sem emprego, filhos pequenos - que acha que nossa geração fracassou. Nesses momentos acho que ele recorria ao diário. Achei muito

interessante isso e resolvi publicar os diários e vamos ver o que vai acontecer. Um livro é sempre uma expectativa, é muito trabalhoso. Agora, finalmente, estou no projeto das cartas e espero que tenha tempo para fazer ano que vem.

Professor Antonio Marcelo Jackson: Eu estou com uma lista de umas 75 perguntas (sic); mas, vou deixar que depois da carioca Rosa falando do paraibano Celso Furtado, vou passar a palavra para um potiguar. O assunto fica no Nordeste. José, a palavra é toda sua.

Professor José Medeiros: É uma honra e alegria indescritível estar ouvindo a Rosa, na verdade até emociona. O que não é tão comum na minha vida de China onde as emoções são diferentes. O trabalho que a Rosa está fazendo é um trabalho inspirador. Penso que para todos os jovens, fazer esse programa que fazemos aqui e é levado para outras partes, outras gerações, então, é importante que os jovens no Brasil conheçam o trabalho e contribuição de Celso Furtado para o Brasil. Rosa sacrificando sua própria vida ou fazendo isso parte de sua vida, tem feito quase que sozinha esse trabalho de registro que ela acabou de descrever aqui para nós. Primeiro esse agradecimento como um brasileiro nordestino, ao seu trabalho. Quero deixar esse registro. O nome do Celso, mesmo em um programa que tenho no Brasil, que é o Jardim Ciência, entre as pessoas em uma comunidade no interior do Brasil, pretende tornar conhecida como fonte de inspiração, é o nome do Celso. Quem sabe você mesma vai lá plantar uma árvore, que fique na memória daquelas pessoas ali. A contribuição dele não é apenas dar um rumo novo para pensar o Brasil. Tem a questão econômica e do desenvolvimento que influencia gerações até hoje, em diversas partes. Mas, é pensar o Brasil e o ser humano como centro desse país, na construção desse país. Então eu penso que ele não separa cultura e desenvolvimento econômico, história. Ele vê todos esses aspectos como componente de um componente maior que é o ser humano dentro da sua relação com as coisas, com a terra, com os outros seres. Eu acho que, neste sentido, o pensamento do Celso será sempre atual. Primeiro pela questão que ele coloca, da procura por rumos. Isso é de uma qualidade... E talvez seja o mais difícil, principalmente em momentos de adversidades como esse que estamos vivendo, no Brasil e no mundo, em que as pessoas estão um pouco sem perspectiva, a procura desses rumos que estimula essa caminhada. Então eu tenho aqui o registro desse orgulho, de ver pessoas como você fazendo o que você está fazendo. Certamente esse trabalho vai perpetuar por gerações, porque mesmo em momentos de dificuldade, sempre existe alguém que perceberá a relevância disso. O Brasil já foi educado por essas gerações, tanto do Celso, como da Si, como de muitos outros, para que existam pessoas que percebam a relevância disso. Vocês não só percebem, mas vocês vivem isso. São parte disso. Aqui na China, eu não tenho muitas obras do Celso. Eu tenho este aqui, "Formação Econômica do Brasil", só para fazer um registro.

Rosa Freire: Esse é uma das edições definitivas.

Professor José Medeiros: E também tenho esses dois livros em chinês. Um é a Formação, e o outro, a Rosa mencionou também, é uma produção mais antiga, ainda quando a China era mais pobre.

Rosa Freire: É, é ótimo. A capa era mais pobrinha.

Professor José Medeiros: É interessante ver a evolução. Eu acho que o trabalho que a Rosa está fazendo desperte aqui nos chineses, para eles traduzirem. Certamente vai ganhar uma versão muito linda, porque agora a riqueza material está aqui de uma forma que o Celso jamais poderia imaginar que chegaria tão rápido. E, recentemente eu adquirei aqui na China

este pequenininho, "O Longo Amanhecer". E o que chamou a minha atenção foi uma dedicatória do Celso, que eu vou ler aqui para que o professor Antônio perceba, tão simples e tão profunda. "A Rosa que me ensinou a ser paciente". Rosa, então eu gostaria de saber o que foi que você ensinou para o Celso. E depois eu gostaria que você também entrasse nesse tema da questão da perspectiva do Celso. Este longo amanhecer, você olhando hoje para o Brasil, se estendeu mais, precisamos de mais paciência ou... Como você está vendo essa situação? Pegando com essa perspectiva do Celso, de esperança.

Rosa Freire: Obrigada José, gostei dos livros que você tem aí; realmente são raridades. O Celso não sabia dessas traduções. Teve um que ele soube, um tradutor chinês entrou em contato com ele, do verdinho, mais antigo. Tem até um cartãozinho dele dentro da versão que temos aqui em casa, depois eu vou te mostrar. Primeiro essa dedicatória: no caso do Celso (no caso de ninguém, mas enfim), não dá para você separar muito do que ele escreveu da vida dele. Eu não sou particularmente paciente, e ele era. Eu quase poderia dizer o contrário, que o Celso me ensinou a ser paciente. Mas quando ele escreveu esse livro, ele tinha tido um pouco antes um problema de saúde, um acidente vascular cerebral, um AVC. Ficou com muita dificuldade de escrever à mão. E ele queria escrever, mas tinha mais dificuldade ainda com o computador, não tinha nenhuma capacidade de trabalhar com o mouse, mas ele queria fazer alguns ensaios. E eu dizia: "calma Celso, espera, você vai melhorar, sua terapia vai funcionar"! Eu vou te mostrar uma coisa. Posso pegar uma coisa aqui para mostrar para você? Eu tenho escrito à mão aqui.

Professor José Medeiros: Fique à vontade, Rosa.

Rosa Freire: Aqui, não sei se você consegue ver, está escrito à mão justamente nesse livro que você tem, chamado "A Longa Marcha, subsídio para pensar o Brasil". Você vê que o Celso tinha um lado chinês. Mas, depois ele mudou e tem a dedicatória aqui, pequenininha, que é a dedicatória que você falou. Enfim, o que eu quero dizer é o seguinte: a coisa da paciência neste caso não foi nada de muito excepcional, foi porque ele estava um pouco sem paciência por causa da fisioterapia, que era muito chata. Esse livro, salvo engano, é de 1999, e aí pôs essa dedicatória. Eu também fiquei surpresa, não imaginava que teria essa dedicatória. Mas, enfim, sobre a paciência, sobre o "Longo Amanhecer". Tem gente que me pergunta: "quando o Celso morreu ele estava pessimista"? Eu não sou médium, eu não posso responder por ele. Mas, o que eu posso dizer é que ele escreveu em 1992 um livro chamado "Brasil, a Construção Interrompida". Ele via o projeto de construção do Brasil desde 1950! Lendo as cartas que ele trocou com vários amigos nos anos 1960, na época já do exílio, você vê que foi uma coisa um pouco única; havia um grupo de intelectuais pensando o Brasil de manhã, de tarde e de noite, com uma qualidade muito alta. Essa semana eu estava vendo as cartas dele com o Octavio Ianni, Florestan Fernandes, Edgar Jaguaribe, Fernando Henrique Cardoso - que depois mudou, o Fernando Henrique de hoje, nem ele mesmo, provavelmente, se reconhece nessas cartas dos anos 1960. Há também um outro sociólogo, que vocês devem conhecer, Luciano Martins - é uma turma de peso e pensando o Brasil o dia inteiro. As cartas dele são de pensar o Brasil como um país viável. O Brasil tem que dar certo! Isso nos anos 1950 foi muito marcante, aquela coisa do Juscelino... Aí vem o golpe militar e interrompe! Se não interrompe, pelo menos troca o foco, quero dizer, deixa de ser um projeto nacional - até Jaguaribe disse isso - para ser um projeto de quintal da "grande democracia", os EUA. Às vezes tem-se a ideia de que estamos permanentemente recomeçando. Acho que o Celso no final da vida traz esse "longo amanhecer" que não amanhece nunca, que custa para amanhecer. Você está construindo e vem alguém... Ele faz a "Construção Interrompida".

Anos depois escreve outro, “Longo Amanhecer”, que não amanhece. O Celso tinha umas boas ideias para títulos de livro.

Ele tem uns títulos bons. Eu estava vendo uma imagem outro dia, uma espécie de carrossel. No carrossel você senta no lugar, dá a volta e retorna para o mesmo ponto. Parece que você anda, anda, anda, tem o Golpe de 1964, manda muita gente para o exílio, aí você começa a fazer resistência, os movimentos pró-anistia, os exilados voltam, a Constituinte, Sarney, o Tancredo, muita coisa que a gente passou e voltamos para o mesmo lugar. Não vai para frente. O que é isso? Não acredito que seja um fatalismo. A gente não pode acreditar em fatalismo histórico, se não a gente nem levanta mais da cama. Acho que essa coisa do “Longo Amanhecer” é um pouco disso. Neste livrinho o Celso tinha uma cabeça interdisciplinar por excelência. Sempre focado mais na economia, evidentemente, mas navegava pelas várias disciplinas como se num dado momento a economia tivesse ficado restrita, pequena. Então ele foi alargando essas fronteiras, a história desde sempre ligada à economia. Desde a tese a História Econômica. Mas, depois vai incorporando a Sociologia, a Antropologia, muita coisa da Cultura, a Filosofia... De fato, é como se ele estivesse um pouco estreito, apertado, acanhado naquela moldura só da Economia. Eu vou dizer uma coisa que eu penso às vezes: à medida que o tempo foi passando, o Celso foi se tornando mais e mais um pensamento tão global que lembra mais um filósofo do que um cientista social somente. Ele nunca deixou a economia, mas ao mesmo tempo, como dizia, nunca imaginou que há um problema meramente econômico. Tinha uma frase que às vezes repetia, " eu nunca imaginei que a inflação fosse um problema só econômico". Tem outra coisa que acho interessante. Ele é um pensador do desenvolvimento? É. Mais ainda do subdesenvolvimento. Ele começa com o desenvolvimento econômico, acho que toda a geração dele no final da guerra, pois o Brasil estava realmente precisando de um desenvolvimento econômico. Mas, depois começa a incorporar outras dimensões. No final dos anos 1950, ele incorpora algo que, dizem, que foi pioneiro nisso - eu não gosto muito disso de pioneiro, porque dá a impressão de que você está querendo singularizar a pessoa – ao incorporar a dimensão cultural do desenvolvimento e do subdesenvolvimento. Ele vai anexando outras dimensões; seu o pensamento é interdisciplinar. É o que eu acho que faz dele um economista que, hoje em dia, curiosamente, seja menos estudado nas faculdades de Economia do que em outras. Celso hoje é bastante estudado nesses cursos, nessas extensões, que não havia na época dele, de estudos culturais. Também na parte da Relações Internacionais, que não existia de uma forma tão sistematizada na época dele. É uma cabeça muito multidimensional, digamos assim. Ele vê sempre inúmeras dimensões do mesmo problema. Acho que a originalidade dele é essa. Para mim, que não sou economista, acho uma das mais fascinantes. Essa coisa da multidimensão do pensamento dele.

Professor Antonio Marcelo Jackson: Rosa, eu também tenho algumas considerações. Antes disso, só para deixar claro Jorge, se você quiser participar, fique à vontade. Além de todo o apoio técnico aí. A área do Jorge é matemática, mas ele é um assíduo leitor da questão política, sociológica.

Rosa Freire: Ele é multidisciplinar também, não é?

Professor Antonio Marcelo Jackson: Exato. É quase impossível ser unidisciplinar, todos nós acabamos sendo multidisciplinares.

Rosa Furtado: É Jorge, pode falar o que você quiser, a gente está num bate-papo.

Professor Antonio Marcelo Jackson: Com certeza. Então Jorge, fique à vontade. Rosa, você teceu várias considerações a respeito do Celso Furtado e eu me lembrei muito daquele que foi objeto na minha Tese de Doutorado, o alagoano Aureliano Cândido Tavares Bastos. O meu Mestrado foi sobre o pensamento político no século XIX, e acabou que no Doutorado também fiquei no mesmo recorte histórico, mas a partir de uma única pessoa, que foi Tavares Bastos. Por que estou citando Tavares Bastos? Primeiro, muita gente, quando fala de pensamento político brasileiro, fala do Tavares Bastos, mas se reduz a um único livro dele, "A Província" - quando ele lançou, lançou vários outros. Em segundo lugar, o que acontece, existe um outro problema, que você está dando a solução no caso do Celso Furtado, que é o seguinte: Tavares morreu em 1875 e até hoje nada foi feito quanto a seus arquivos, seus diários, suas anotações. Tanto que produzi uma das situações mais estranhas da academia brasileira: uma Tese de Doutorado em Ciência Política citando manuscritos. Algo inusitado no antigo IUPERJ (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro) no longínquo ano de 2005.

Curiosamente, um comentário de Tavares Bastos, me remete a uma ideia de "tradição". De um lado ele fazia reflexões sobre o Brasil, teorizava sobre o Brasil, e do outro lado ele atuava como político - era deputado provincial na época, que seria equivalente hoje ao deputado federal. E chega uma hora que ele fala que a política vivia um impasse. Dito isto, em 1870, é de fazer chorar(!). As palavras exatas do Tavares Bastos naquele são: "com as pessoas que estão aqui na arena política, me parece que a única solução é uma solução tirânica". E ele completa, mas "eu não quero isso no Brasil. Se eu chegar a conclusão de que a única solução é a tirania, eu não continuo". Enfim, estou citando isso tudo porque parece que é uma certa tradição dos pensadores brasileiros, e o Celso Furtado está nessa lista, de que chega certo momento que dá um desânimo de pensar assim: "afinal, o que aconteceu"? "Onde nós erramos"? Curiosamente, também em paralelo com o Tavares Bastos, Celso Furtado não é apenas o intelectual que pensa sobre o país, ele também atua. Ele está lá naquele momento da criação da Cepal; é o criador da SUDENE. Há inúmeros projetos que saem da pena dele.

Frente a isso, a pergunta que eu queria fazer. Você que, não apenas conviveu com ele, mas também acabou acessando esses diários, poderia responder. Celso Furtado, em algum momento, olhando-se no espelho, pensou assim: "acho que eu errei naquela atitude", ou "fui menos incisivo quando eu estava no poder"? Algo como uma autocrítica. Como se o intelectual Celso fizesse uma crítica ao agente político Celso Furtado. Você percebe isso em algum momento? Reunindo os anos de convivência com os diários.

Rosa Freire: Marcelo, certamente aconteceu. Nos Diários você verá isso em três momentos. Em Celso havia o homem do pensamento e o homem de ação. Ele foi necessariamente um homem de ação na hora em que ele teve que montar a SUDENE. Ali, eu vejo uma espécie de interregno. Ele foi ministro do planejamento do Brasil na época do Jango, quase por uma consequência de ter feito o Plano Trienal, que era um plano muito ambicioso para o país. E depois ele foi Ministro da Cultura, junto ao Sarney. Teve outros cargos, foi embaixador do Brasil na União Europeia, mas isso foi uma fase pequena. Eu acho que na SUDENE ele não faz, propriamente, uma autocrítica. O que você nota na biografia dele é que diz que o programa de reformas era adiantado demais. Era arrojado demais, audacioso, atrevido demais para aquela região. O Celso tinha 30 e poucos anos quando foi para a SUDENE, era muito jovem, não tinha prática política. Estava vindo de 10 anos de teoria. A SUDENE foi um momento síntese na vida dele porque ele conjugou as duas coisas. Ele vinha de 10 anos na CEPAL fazendo teoria. Teoria de planejamento, teoria de planos para a América Latina... De

repente, agora vai aplicar a teoria. Agora você tem o projeto de desenvolvimento do Nordeste e vai ter que aplicar todas as teorias da Cepal aqui. Por isso eu acho que foi uma espécie de síntese. Foi um momento em que ele chega a uma visão técnica e talvez um pouco política. Ele nunca foi de partido, mas dizia que talvez tivesse melhor trânsito se estivesse dentro de um partido, por exemplo. Mas, queria distância de partidos. Eu acho que reconhece que poderia ter sido diferente se tivesse entrado no jogo político e não imposto um projeto técnico de cima para baixo. Ao mesmo tempo achava que, pelo contrário, se ficasse longe dos partidos, teria mais independência para lidar com todos eles. O que também é verdade. Ele era uma pessoa, obviamente, que estava muito mais próxima dos governadores progressistas, do Miguel Arraes, por exemplo, do que o governador do Rio Grande do Norte na época. Ele faz, não sei se posso dizer uma autocrítica, mas ele fala disso. Tanto é assim que depois quando esteve em outra luta política, nos anos da redemocratização, entrou em um partido. Ele não "deu uma de economista" que é chamado para auxiliar Ulysses Guimarães, ele entrou no PMDB. E aí tinha a hierarquia do partido, as convenções do partido, o jogo partidário... E também foi o único partido ao qual ele se filiou, o PMDB. Talvez seja essa a crítica que ele fazia aí. No Ministério da Cultura, foi um momento excepcionalmente complicado, porque quando o Celso veio a ser ministro ainda era a Constituição antiga. Claro que ninguém mais exercia censura, mas quando ele se tornou ministro em 1986, ainda não tinha a Constituição de 1988, socialdemocrata, digamos assim. Hoje em dia está uma colcha de retalhos, mas, enfim, não era isso. Ainda era a Constituição antiga, ainda havia o SNI, o Serviço Nacional de Informações, que tinha que ter em cada ministério um militar do SNI. O grande trunfo que o Celso conseguiu foi colocar nos DSIs, Departamentos de Segurança e Informação, foi uma grande vitória, conseguiu que o "chefão" do SNI aceitasse que fosse um civil e não um militar. Caiu a Ditadura, veio o Sarney, aquela transição complicada, e ainda colocar um militar para lidar com artista, nem pensar. Era um momento difícil também porque o ministério era muito novo, tinha 8 meses quando o Celso assume. Ele já era o terceiro ministro, o ministério não tinha nem organograma quando ele chega, tiveram que correr porque ele foi criado por medida provisória e ela estava para vencer. Então tinha que ser rápido. Era também o momento em que vários artistas e intelectuais ligados ao Ministério da Cultura contestavam a própria existência do Ministério da Cultura. Será que precisa de um Ministério da Cultura? Será que não precisa? Eu peguei agora a carta de um grande historiador de Minas, que o Jorge deve conhecer, o Francisco Iglésias, já falecido, que era muito amigo do Celso. O Celso chegando no Ministério e o Iglésias dizendo: "eu acho que não tem necessidade de ter um Ministério da Cultura". Então foi um momento difícil.

Dito isto, o Celso talvez pudesse ter tido um contato maior com os artistas e era muito difícil entendê-los naquele momento. Eles queriam dinheiro do Estado, óbvio, mas não a tutela. Então era um momento muito difícil. Mas eu acho que talvez o que ele mais se arrependeu, digamos assim, tenha sido ter sempre aparecido mais como um técnico na época da Sudene. Talvez se ali ele tivesse uma ligação partidária mais forte com algum partido... Agora, se você perguntar qual, não sei. Ele nunca quis ser do Partido Comunista. Ele foi convidado e como era uma pessoa de esquerda, o natural na época no final da guerra para os jovens de esquerda, era entrar no Partido Comunista. Era o esquadro natural dos jovens de esquerda. Ele conta um episódio, quando ele foi à França fazer sua tese, em 1947, logo depois do partido comunista cair na clandestinidade, foi proibido no Brasil na época do governo Dutra, e vários comunistas vão para a Europa, inclusive Jorge Amado, o pintor Carlos Scliar, vão para Paris. O Celso ficou muito ligado a essa gente lá. Teve um dia que ele recebeu um convite indireto, não foi o próprio Jorge Amado que falou com ele. Jorge Amado manda contatá-lo e pergunta se ele queria escrever um artigo para uma revista do Partido Comunista. Provavelmente depois viria um convite para saber se ele gostaria de entrar no partido. O

convite não chegou a ser feito. Celso disse que sim, escreveu um artigo, e essa pessoa que o contactou, que não era um intelectual, mas era uma pessoa do partido disse: bom, agora nós vamos ter que mandar o seu texto para a comissão do Partido. E Celso disse: como assim? Alguém vai ler o meu texto, vai me censurar? Claro que isso se faz aos 26 anos. Talvez aos 35, 40 você já não faça mais isso. Mas ele ficou bravo indignado. Falou que o texto dele ninguém ficaria censurando por questões ideológicas e políticas. Então decidiu não publicar. Claro que o convite do Partido Comunista não aconteceu. Depois disso, em 1947 na França, Jorge Amado escreve para ele querendo uma aproximação.

Na época da SUDENE poderia entrar para o PTB, seria mais ou menos por aí, numa ala mais nacionalista, na qual depois teve o Almino Afonso. Tinha ali uma frente parlamentar nacionalista, eu acho que teria sido mais fácil. Ou não, porque colaria nele uma espécie de uma etiqueta, "o Celso do partido tal", não sei. Ele não faz um relato de arrependimento, mas você percebe, nas entrelinhas, que ele poderia ter feito uma coisa mais política. É o que eu poderia te dizer. Agora, o que ele fez, em compensação, foi rever várias ideias. Isso ele fazia sem o menor problema. Pensa as ideias, vai elaborando pouco a pouco, depois de 10 anos ele pensa um pouco diferente do que pensava 10 anos antes, e reelabora a ideia e vai andando. O trabalho intelectual sim.

Professor Antonio Marcelo Jackson: José, por favor, fique à vontade meu amigo.

Professor José Medeiros: foi uma das minhas melhores manhãs aqui na China. Não tenho dúvidas disso. E olha que as minhas manhãs são muito boas. A Rosa está a falar e eu estou a pensar. Apesar de forma solitária, eu não me ocupo em outra coisa aqui na China que não seja pensar o Brasil. Pensar o Brasil a partir de uma perspectiva de caminhantes, como Antônio Conselheiro, como outros, meninos que saíram ali de pés descalços, nasceram no Brasil, cresceram no Brasil, enfim, têm um sentimento de brasilidade no seu coração. Como que esse sentimento chega em nós? Como que chega lá no interior, lugar que não tem nem televisão? Por exemplo, a minha própria experiência, quando eu tinha 16 anos, não tinha energia elétrica, televisão. Como isso chega? Por que isso chega em nós? Num conjunto de pessoas que coloca o seu país como uma das prioridades na vida. O Brasil está em nós, no nosso coração. Pensamos o Brasil. Seus problemas, suas inquietudes. Procuramos referências, é quando tiramos do Celso Furtado e tantas outras pessoas dessas áreas. Como isso chega? No geral, isso chega por acaso. E esse, acho que é um dos problemas no Brasil. Não pode chegar por acaso. Tem que chegar por uma estrutura nacional. Por um ambiente cultural onde aquilo esteja presente e as pessoas criem laços de identidade, de aproximação e curiosidade. Sem esse trabalho da memória, que é a base para isso, nós não vamos chegar nesse momento, que para mim é sonhado, em que as percepções dos que se quedaram, lutaram, pesquisaram sobre o Brasil, procuraram construir o Brasil, não sejam esquecidas. Na casa da Rosa, chamou a minha atenção um cordel que foi feito sobre o Celso. Não tem nada mais popular do que a literatura de cordel. É o suprassumo da alma popular do nordeste, está ali no cordel. É uma tradição de uma oralidade ibérica que chega e continua por lá. Então, eu penso que o grande desafio é encontrarmos caminhos para motivar o jovem brasileiro a olhar para o nosso passado. A Rosa acabou de falar sobre uma geração de gigantes, a própria Rosa é uma pessoa muito grandiosa. Pessoas como Câmara Cascudo que faziam isso. Não sei como eles produziam tanto. Não sei como a Rosa produz tanto. É uma energia, uma dedicação, uma paixão, uma grandeza. Pensar algo além de si. Que na realidade, não é além de si, porque, ao pensar isso, a sua identidade, a sua personalidade, o seu eu está também naquilo que se projetará. Mas não é mais esse eu pequeno, coisa só para o tempo presente, digamos assim, que é digno também. Mas no sentido de motivar, os jovens principalmente. Por exemplo, a

vida do Celso e da Rosa. Isso, em qualquer outro país com olhar para a cultura, nós já teríamos filme, revista em quadrinhos, uma série de coisas. Imagina uma pessoa que nasce lá no sertão do Brasil, no Paraíba, nos anos 1920, tem toda uma trajetória fantástica, chegou nos grandes centros intelectuais do mundo. É uma pessoa que se equiparou a qualquer grande intelectual de sua época em qualquer parte do mundo. Esse é um ponto importante, do que é mais desenvolvido naquele período, a reflexão intelectual. E depois, essa pessoa tem um amor pelo seu país, o Brasil estava no coração do Celso. Dado, literalmente. Foi para a guerra pelo seu país. E olha questões, como a do Nordeste mesmo. Claro, disse que as ideias estão mais na frente, talvez os mecanismos de implantação das decisões técnicas tivessem a limitação que ele próprio vê, constata isso. A própria formação do Brasil. Os grupos de interesses, a forma de organização das pessoas que tomavam as decisões políticas... A limitação do Brasil, mas isso é o que temos. Aqui na China, nós aprendemos que a paciência chinesa não é porque você precisa esperar. Não. Ela é porque a realidade num passado de 5 mil anos demonstrou que, em determinadas situações, para serem superadas as situações adversas, é preciso reunir não só as correções objetivas que estão além das pessoas, condições materiais por exemplo, mas também um conjunto de pessoas sintonizadas, sincronizadas, que construam uma percepção comum para uma ação comum. Nunca vai ser a ação de uma pessoa. Mas também, se essas pessoas não agirem, fizerem alguma coisa, também não vamos sair do lugar. Eu achei muito interessante essa proporção da Rosa, de pensarmos o carrossel do Brasil, essa roda, para sabermos agora em que volta estamos. Quem sabe, no momento em que for dar a próxima rodada, tenhamos a oportunidade de um novo ciclo, e perceber por que, naquele momento de darmos um salto, voar para não ficarmos na roda, que força de atração gravitacional foi essa para nos trazer para um momento de retrocesso. Isso exige esforço intelectual. E quem vai fazer? Essas gerações que nos precederam ou as gerações que ainda estão aí de alguma forma já contribuíram demais. Então é uma tarefa para a juventude, tomar para si essa responsabilidade, sem amarras. Eu penso que aí é um dos problemas do Brasil, as pessoas tem medo de pensar grande. É grande porque o Brasil é grande, não é grande no sentido do seu ego. Então, a geração do Celso nos ensinou a pensar grande. E esse trabalho da Rosa, mais uma vez, é grandiosíssimo. Eu até já falei, que eu gostaria muito de dominar a caligrafia do Celso para ajudar. Quem sabe uma vez por ano, tirar uma semana ou duas para ajudar. Rosa, o que você está fazendo é para o Brasil. Pode ter certeza disso. E o Brasil do futuro vai te agradecer, reconhecer o seu trabalho.

Professor Antonio Marcelo Jackson: Rosa, eu queria te dar a palavra, para encerrar, mas antes eu queria fazer só um comentário, numa carona na fala do professor José Medeiros. Novamente, quando eu estava fazendo o meu doutorado, conversando com um professor que era estudioso do Alexis de Tocqueville, um pensador francês também do século XIX, perguntei se ele teve alguma dificuldade aqui no Brasil para trabalhar com a obra do Tocqueville. Ele falou que não, porque até o bilhete do mercado do Tocqueville já foi publicado na França. Ou seja, é lógico que é um exagero, mas a grande verdade é que quando você fala de qualquer autor, seja na França, na Inglaterra, na Alemanha, na Itália, provavelmente Portugal e Espanha, também - até na América Latina acredito que isso deve aparecer mais frequentemente -, você tem não só os livros do autor, mas todo o material que o acompanha. Diários, cartas, correspondências, bilhetes, que vão dar o escopo para que o estudioso consiga se debruçar sobre aquela obra e possa entender melhor. E entendendo melhor, consiga refletir sobre o seu país, a sua região, sobre tudo que o circunda. Então, é na fala do José Medeiros, o seu trabalho Rosa, é fundamental. É fundamental por se tratar de um dos maiores pensadores brasileiros e é fundamental porque nós somos muito pobres disso. Um trabalho como o seu quase nos salva do inferno total, absoluto. Ainda podemos ter esperança. É possível que outros talvez não façam. Para passar a palavra para você eu vou

citar uma frase do Tavares Bastos, que eu utilizei até como epígrafe na minha tese de doutorado, escrita em 1861. "Afim, por quais caminhos nós chegamos ao labirinto do presente".

Rosa Furtado: O Tavares Bastos sabia das coisas.

Professor José Medeiros: Rosa, só deixar registrado aqui, essa mensagem aos jovens economistas. Essa primeira frase do livro, que eu acho que é uma mensagem aos jovens brasileiros. As origens do desafio. "Pensar o Brasil foi o desafio que sempre guiou minha reflexão. Muito cedo ainda, na adolescência, vieram-me ao espírito questões como: por que certas regiões brasileiras parecem condenadas à miséria do país, com tanta riqueza potencial". Celso, não tem nada mais atual do que isso. Se você pega regiões, se você pensa pessoas, pensa centros urbanos, a periferia... É a mesma coisa que está aqui. Não tem nada mais atual. Por isso a discussão do pensamento do Celso é também a procura de luminosidades para dar um novo direcionamento a esse carrossel. Agora, com as novas tecnologias, é possível que a gente movimente esse carrossel para onde quisermos. Era esse parêntese que eu gostaria de deixar registrado.

Rosa Freire: Eu vou acabar rápido, só falar algumas coisinhas. Esse trabalho que eu faço com as correspondências, com as cartas, com tudo isso, ele é muito árduo. Mas, é muito prazeroso também, porque eu consigo ter uma distância. Claro que tudo que eu escrevo sobre o Celso, e eu escrevo muito sobre ele, tem um lado, obviamente, que é muito mais que simpatia, tem um lado de muito afeto. Isso é inevitável, vivi com ele 26 anos, não é uma relação curta, é uma relação muito longa, intensa. Muito intelectual também. Mas, francamente, eu acho que se não fosse eu a fazer isso, outra pessoa faria. A vantagem que existe em eu estar fazendo é que coloco em cima disso o que só eu sei, as horas de conversas que tivemos sobre a vida dele, sobre os arquivos, sobre o fulano e beltrano. Então, esse cabedal pessoal é de fato meu. A vida foi assim. Agora, em relação aos diários, eu tenho a impressão de que, se não fosse eu, alguém um dia descobriria e poderia editar tudo isso. Eu apenas complemento com uma coisa muito pessoal. Não sei se vocês já viram algum texto meu, mas se você pega qualquer texto meu sobre Celso, tem sempre o lado pessoal, de uma conversa que a gente teve, de uma apreciação que ele fez e só eu que ouvi. Por exemplo, eu fui à China com ele. O que ele falou sobre a China, uma coisa é o que ele escreveu e outra coisa é o que conversávamos o dia inteiro sobre a China. Também tem outra coisa que queria dizer. Eu acho que Celso tem uma obra grande; escreveu mais de 30 livros, muitos de teoria econômica, muitos de política econômica, muitos livros de recomendações econômicas, mas eu acho que tem alguns, desses 30 eu diria que uns 10, que são tremendamente atuais. E eu vou dizer o porquê que acho que são atuais. Alguns problemas que o Celso tratou e, sobretudo, o grande problema do desenvolvimento e subdesenvolvimento, são atuais porque persistem. Querendo ou não, não vou dizer que o país é um país subdesenvolvido. Não é isso! Mas, o problema das desigualdades entre as regiões, o Brasil desenvolvido, o menos desenvolvido, o subdesenvolvido, é gritante, escandaloso. Esse problema continua. Outro dia eu estava vendo um debate sobre o Nordeste na época do Celso e de hoje. Não tem nada a ver. O Celso quando vai para o nordeste ele estava pensando ainda na estrada, no esgoto; energia elétrica não tinha ainda em Fortaleza, todo dia tinha racionamento de luz, porque Paulo Afonso ainda não tinha chegado. O Nordeste hoje tem startups, super moderno, tem o que você quiser. Mas o PIB nordestino continua a ser apenas 12% do PIB brasileiro. Tem algo que continua desequilibrado. O desequilíbrio é em outro nível, mas persistem os problemas sobre os quais Celso teorizou, que basicamente é o problema do subdesenvolvimento, não tem jeito. Então eu acho que ele se torna muito atual.

Eu sou da área mais ligada à literatura, traduzi um livro do Calvino, "Por que ler os clássicos", e uma das razões que ele dá para ler os clássicos é que o clássico é um livro que a cada vez que a gente lê tem outras dimensões: é um livro que não para nunca de dizer a que veio. Mais ou menos essa a frase. E eu acho que tem alguns livros do Celso que realmente a gente lê e lê e não para de dizer a que veio esse livro, porque continua atual. Algumas leituras do Celso me impressionam, tenho a impressão que foram escritas semana passada. Eu nem quero trazer para ao presente porque fica mais confuso. Acho que alguns escritos do Celso permanecem, especialmente os escritos sobre o Brasil, sobre a construção regional, sobre as múltiplas dimensões do desenvolvimento e do subdesenvolvimento. Essa é a minha ideia de querer colocar essas documentações dele disponíveis, para ver se as pessoas voltam a pensar a partir de certas teorias. Eu acho que quem tem que falar e escrever sobre desenvolvimento não tem como fugir dos clássicos. E Celso é um clássico desse assunto, não há dúvida. Todo esse material que eu tenho e junto com a publicação de arquivos, acho que pode contribuir para essa leitura continuar a ser feita com um clássico brasileiro, e outros, não é o único. Acho que é por aí. De qualquer maneira eu fico muito contente de ver o que estou vendo aqui, que na casa do José tem uma rede. A nordestinidade está em você. Não adianta, pode ir pra China, que de certa forma a brasilidade está em nós. Está o Jorge ali em Minas, o Marcelo do outro lado da baía de Guanabara, o José lá - não sei a distância - e a gente continua muito brasileiro. É o nosso país. Está longe do momento ideal, mas é lutar, a história está aí aberta. Gente, eu agradeço muito a vocês, não tenho palavras, estou muito contente. É a primeira vez que eu falo para tão longe. Tão bom, está excelente. Jorge, você é um craque. Não é só de matemática não, nessas transmissões também, puxa!

Professor Antonio Marcelo Jackson: Rosa, queria agradecer demais. Agora eu vou denunciar, nós estamos gravando num sábado à noite aqui no Brasil, e domingo de manhã na China. Todos nós nos colocamos à disposição, você, o Jorge na parte tecnológica. O José, que é coautor do projeto, carrega o fardo comigo. Se tiver que gravar na madrugada a gente grava, não tem problema nenhum. Rosa, queria agradecer demais essa tua participação. Me dá a certeza de que é necessário que você faça parte de outros fóruns, porque pela minha lista de "712 perguntas" (sic), só fiz duas, então ainda faltam 710. Acho que o José ainda tem umas 400 para perguntar. Agradeço ao Jorge pelo esforço, pelo auxílio. Nossa amizade e esse trabalho todo da tecnologia para sustentar toda essa transmissão. E José, desnecessário, mas eu gosto sempre de falar, a sua participação é fundamental nesse projeto que é o Fórum Internacional de Ideias. Hoje, mais do que nunca, um fórum internacional, mas um fórum internacional pensando o Brasil. Pensando mais do que nunca o nosso país e mostrando como é necessária essa reflexão constante e ações constantes. Acho que essa é a grande lição que Celso Furtado deixa para todos nós. Muito obrigado mais uma vez, e até o nosso próximo Fórum Internacional de Ideias.